

UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE PEDAGOGIA

**ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDOS E
VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS**

MANAUS – AMAZONAS

2021

UNIVERSIDADE DO ESTADO AMAZONAS
ESCOLA NORMAL SUPERIOR
CURSO DE PEDAGOGIA

ELEN ARIANE FREITAS PEREIRA

**ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDOS E
VIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS**

Monografia apresentada a disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica II, do Curso de Pedagogia da Universidade do Estado do Amazonas – UEA, como requisito à conclusão do Curso e elaborado sob orientação do (a) Profa. Doutora Kelly Christiane Silva de Souza.

Manaus, 3 de Agosto de 2021.

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade do Estado do Amazonas.

P436e Pereira, Elen Ariane Freitas
Ensinar e aprender na educação infantil: estudos e vivências em uma escola de municipal de Manaus / Elen Ariane Freitas Pereira. Manaus : [s.n], 2021.
39 f. : ; 29 cm.

TCC - Graduação em Pedagogia - Licenciatura - Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2021.
Inclui bibliografia
Orientador: Souza, Kelly Christiane Silva de

1. Aprendizagem. 2. Ensino. 3. Educação Infantil. I. Souza, Kelly Christiane Silva de (Orient.). II. Universidade do Estado do Amazonas. III. Ensinar e aprender na educação infantil: estudos e vivências em uma escola de municipal de Manaus

Elaborado por Jeane Macelino Galves - CRB-11/463

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Deus, que sempre esteve comigo e me direcionou para cursar pedagogia, pela qual me apaixonei.

À universidade, pelo acolhimento, por proporcionar oportunidades de participação em eventos, programas relacionados à pesquisa e docência, colaborando para meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional.

À minha orientadora, sou grata pelo acompanhamento durante a produção deste trabalho, pelos direcionamentos, incentivo, apoio e carinho nos momentos de orientação.

Aos meus mestres, que me inspiraram a pensar sobre a educação, me proporcionaram experiências, conhecimentos e reflexões que contribuíram para minha formação.

Agradeço à minha família, pelo apoio durante o tempo de graduação, por entenderem a necessidade de me ausentar em certas atividades para dedicação aos estudos.

Às minhas amigas da faculdade, pelos momentos de estudo e alegrias pela parte da manhã, levarei essas amizades para a vida.

Às professoras, que acompanhei durante os estágios e as escolas, que me receberam como estagiária, as experiências me fizeram refletir sobre a docência, na teoria e na prática.

Às crianças, que contribuíram para a minha pesquisa com suas falas e interações.

À todos que colaboraram, indiretamente ou diretamente, obrigada!

ELEN ARIANE FREITAS PEREIRA

**ENSINAR E APRENDER NA EDUCAÇÃO INFANTIL: ESTUDOS
EVIVÊNCIAS EM UMA ESCOLA MUNICIPAL DE MANAUS**

Trabalho de Conclusão do Curso de
Licenciatura em Pedagogia da Universidade
do Estado do Amazonas – UEA, como parte
dos requisitos para obtenção do grau de
Licenciado em Pedagogia.

Aprovação em: 3 de agosto de 2021

Banca Examinadora:

KELLY CHRISTIANE
SILVA DE
SOUZA:45608334272

Assinado de forma digital por
KELLY CHRISTIANE SILVA DE
SOUZA:45608334272
Dados: 2021.08.23 12:17:45
-04'00'

Professora Dra. Kelly Christiane Silva de Souza
Orientadora



Professora Dra. Andrezza Belota Lopes Machado
Membro da Banca



Professora Dra. Meire Terezinha Silva Botelho de Oliveira
Membro da Banca

“Diga-me e eu esquecerei
Ensine-me e eu me lembrarei
Envolva-me e eu aprenderei”.
(Anne with an E)

RESUMO

No presente trabalho, definimos como objetivo geral compreender como se dão os processos de ensinar e aprender com crianças de cinco anos na educação infantil. Diante disso, estabelecemos como objetivos específicos: a) entender a relação entre ensino e aprendizagem na educação infantil; b) identificar práticas de ensino que dificultem o processo de aprendizagem; c) conhecer os conceitos do professor da educação infantil sobre ensino e aprendizagem. Para atingir esses objetivos, realizamos a pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, durante o Estágio I. Pesquisamos em uma turma de 2º período, acompanhando o desenvolvimento das práticas pedagógicas realizadas pela professora regente em sala de aula. Nesse percurso, adotamos a abordagem qualitativa e utilizamos como instrumento de coleta de dados a observação participante, o caderno de campo e um questionário estruturado, aplicado com duas professoras da educação infantil, visando compreender suas concepções sobre o processo de ensinar e aprender. Na análise de dados, foi possível estabelecer uma estreita relação entre o processo de ensino e aprendizagem. O professor possui um papel importante nesse processo, de planejar e organizar as situações de ensino, visando colaborar para a construção da aprendizagem, a ser realizada pelas crianças. Além disso, compreendemos que as concepções e crenças que os professores possuem sobre o processo de ensino e de aprendizagem poderão influenciar as suas práticas pedagógicas, sendo a formação inicial um importante ponto de partida para a construção de saberes sobre a docência.

Palavras-chave: Aprendizagem. Ensino. Educação infantil.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
MMDD	Mesa do Mundo das Descobertas
PESC	Programa de Ensino Sistematizado de Ciências
UEA	Universidade do Estado do Amazonas

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS	11
1. CONCEITUANDO APRENDIZAGEM.....	11
1.1 Teorias da aprendizagem.....	11
1.1.1 Behaviorismo.....	11
1.1.2 Cognitivismo.....	13
1.1.3 Humanismo.....	14
1.1.4 Teoria Sociocultural.....	14
2. APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	15
2.1 Aprendizagem e o desenvolvimento infantil.....	15
2.2 Aprendizagem na educação infantil e as orientações da BNCC.....	17
3. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL E OS DESAFIOS DE ENSINAR.....	20
3.1 O que é ensino?.....	20
3.2 Ensinar na educação infantil.....	21
CAPÍTULO II: DO QUE VIMOS E OUVIMOS	23
1. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PODEM DIFICULTAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM.....	23
1.1 Escolha do material didático.....	23
1.2 Ensino transmissivo.....	24
1.3 Desconsideração à leitura de mundo do estudante.....	25
2. UM OLHAR SOBRE A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM UM CMEI.....	26
2.1 Breve caracterização da escola.....	26
2.2 Um olhar sobre as práticas pedagógicas ocorridas em sala de aula.....	27
3. CONHECENDO OS CONCEITOS DOS PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	29

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS.....	37

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como tema “Ensinar e aprender na educação infantil: estudos e vivências em uma escola municipal de Manaus”. O interesse em pesquisar sobre a temática surgiu a partir da leitura do artigo “Sistema de ensino, escola, sala de aula: onde se produz a qualidade das aprendizagens?” de Libâneo (2006)¹, em uma obra fichada para a disciplina de Currículo no Ensino Básico, na Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

Nesse artigo, o autor destacava que a escola deve garantir uma boa aprendizagem para os estudantes, buscando meios para atingir esse objetivo. Naquele momento, estávamos estagiando em uma escola particular de educação infantil, o que nos inspirou a realizar a pesquisa nessa etapa de ensino. Diante da leitura realizada e dessa experiência, resolvemos pesquisar sobre o processo de ensino e aprendizagem na educação infantil.

Nesse sentido, nos perguntamos: como se dão os processos de ensinar e aprender com crianças de cinco anos na educação infantil? Assim, estabelecemos como objetivo geral: compreender como se dão os processos de ensinar e aprender com crianças de cinco anos na educação infantil. Dando prosseguimento, definimos como objetivos específicos: a) entender a relação entre ensino e aprendizagem na educação infantil; b) identificar práticas de ensino que dificultem o processo de aprendizagem; c) conhecer os conceitos do professor da educação infantil sobre ensino e aprendizagem.

A escola é um espaço de aprendizagem, precisamos refletir sobre o processo de ensino e no aprendizado que tem ocorrido ou deixado de ocorrer, por algum motivo. As discussões sobre o processo de aprendizagem das crianças na educação infantil podem colaborar para o desenvolvimento de práticas docentes que considerem os interesses da criança, seu desenvolvimento, particularidades, vivências, questões culturais e contexto no qual se desenvolvem essas práticas.

A pesquisa foi desenvolvida por meio da abordagem qualitativa. Segundo Minayo (1994, p. 21), esse paradigma “[...] trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Sendo assim, buscamos compreender sobre a presente temática sem se preocupar com aspectos quantitativos, mas a partir de uma perspectiva qualitativa sobre as informações encontradas.

¹ In LOPES, Alice Casimiro. MACEDO, Elizabeth (organizadoras). **Políticas de currículo em múltiplos contextos**. Volume 7. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

Durante o caminho percorrido, realizamos a pesquisa bibliográfica, consultando livros e artigos científicos relacionados ao processo de aprender e ensinar. Em relação ao tipo de pesquisa, adotamos a pesquisa de campo, que se caracteriza por abordar o objeto de estudo em seu próprio meio ambiente, sendo a coleta de dados realizada por meio das observações dos fenômenos em suas condições naturais (SEVERINO, 2017).

Desse modo, o *locus* de nossa pesquisa foi um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado na zona leste de Manaus. A pesquisa de campo foi realizada durante o Estágio Supervisionado I, em uma turma de 2º período, sendo os sujeitos da pesquisa a professora regente da turma e dezoito crianças. Como instrumento de coleta de dados, realizamos a observação participante, que segundo Lakatos e Marconi (2003), se caracteriza pelo envolvimento do pesquisador com o grupo, se estabelecendo uma relação de proximidade.

Além disso, também utilizamos como instrumento de coleta de dados o caderno de campo, no qual descrevemos nossas observações sobre os fatos ocorridos, especificamente aqueles que envolviam o processo de ensino e aprendizagem. Para conhecer o conceito de professores em relação ao processo de ensinar e aprender, entramos em contato com algumas professoras da educação infantil, via *Whatsapp*, perguntando se poderiam participar de nossa pesquisa.

Assim que as professoras concordaram, enviamos pelo aplicativo um questionário estruturado elaborado por nós, contendo apenas perguntas abertas, e recebemos as respostas de duas professoras. Segundo Lakatos e Marconi (2003), o questionário é um instrumento de coleta de dados que contém uma sequência de perguntas a serem respondidas por escrito, sem necessariamente ter a presença do pesquisador. Quanto à estrutura, nosso trabalho está organizado em dois capítulos:

Capítulo I: Construções teóricas, com uma discussão sobre a aprendizagem e as principais teorias da aprendizagem, a relação entre a aprendizagem e o desenvolvimento infantil segundo Piaget (1999) e Vygotsky (2001), o que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) tem orientado em relação à aprendizagem das crianças na educação infantil e sobre os processos de ensino e ensinar na educação infantil.

Capítulo II: Do que vimos e ouvimos, no qual identificamos práticas pedagógicas que podem ser tornar barreiras para o aprendizado, partindo das nossas construções teóricas e observações realizadas durante o Estágio I, descritas em nosso caderno de campo, e apresentamos as respostas de duas professoras da educação infantil em relação ao questionário aplicado, analisando suas concepções sobre o processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO I: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS

1. CONCEITUANDO APRENDIZAGEM

A aprendizagem pode ser definida como um processo contínuo em que adquirimos conhecimentos, estratégias, habilidades ou crenças, nos mais variados contextos. Essas novas informações, mediante nossas vivências internas e externas, ocasionam uma mudança de conhecimentos, ideias ou comportamentos (NUNES; SILVEIRA, 2015).

Ao trazer essa concepção, não pretendemos reduzir o conceito de aprendizagem. Na verdade, buscamos entender essa definição de forma ampliada, visto que há diferentes concepções de aprendizagem. Em nosso entendimento, o aprendizado ocorre de diferentes maneiras e em todos os momentos de nossas vidas.

A todo instante, nos deparamos com novos conhecimentos: através de experiências, por ensinamentos de alguém, observações, na realização de pesquisas, nos momentos de estudos, entre outras maneiras, pois não existe somente uma forma de aprender. Precisamos também considerar o ritmo de cada um, sabendo que “[...] ninguém aprende pelo outro” (NUNES; SILVEIRA, 2015).

Buscando compreender o processo de aprendizagem, surgiram as teorias da aprendizagem. Essas teorias tem contribuído bastante para o âmbito educacional, visto que o professor orientará sua prática pedagógica de acordo com suas concepções sobre tal processo. Sendo assim, escolhemos abordar as seguintes teorias da aprendizagem: behaviorismo, cognitivismo, humanismo e sociocultural. Buscaremos abordar um ou mais teóricos de cada teoria, para melhor esclarecimento das ideias.

1.1 Teorias da Aprendizagem

1.1.1 Behaviorismo

O behaviorismo, também chamado de comportamentalismo, possui duas vertentes principais: o behaviorismo metodológico e o behaviorismo radical. A primeira tem como

percursor Watson (2008), enquanto a segunda foi criada por Skinner (1974), que incluiu novos conceitos ao behaviorismo.

Watson (2008) fazia críticas à psicologia introspectiva², por não considerar o estudo da consciência. Ele tinha como enfoque o estudo do comportamento por meio de fenômenos observáveis, comparava o pensamento humano ao pensamento animal, acreditando estarem no mesmo nível e acreditava que os estímulos vindos de um ambiente poderiam produzir uma resposta.

Tal processo é chamado de condicionamento respondente, que entendemos como o reflexo, a resposta mecânica que o sujeito dá para determinado estímulo. No behaviorismo metodológico, acreditava-se que o sujeito tendia a repetir comportamentos de modo automático, sem maiores interferências de processos mentais (OSTERMANN; CAVALCANTI, 2011).

Seguindo essa perspectiva, o processo de aprendizagem ocorre estimulada por fatores externos, em que o sujeito apenas dá a resposta esperada. Além disso, se trabalha a repetição das informações para a formação do conhecimento, firmando uma concepção mecanicista de aprendizagem (NUNES; SILVEIRA, 2015).

Em oposição ao behaviorismo metodológico, surgiu uma outra vertente, criada por Skinner (1974) chamada behaviorismo radical. Essa teoria ainda está baseada na relação estímulo-resposta, com acréscimos de conceitos como condicionamento operante, reforço positivo e reforço negativo.

O condicionamento operante é entendido como o comportamento que resulta em uma consequência, em que se visa acima de tudo a conservação da vida, a sobrevivência. “[...] O comportamento é *fortalecido* por suas consequências e por essa razão as próprias consequências são chamadas de reforços” (SKINNER, 1974, p. 38, grifo do autor).

Sendo assim, o condicionamento operante é oposto ao condicionamento respondente, pois o sujeito não apenas responde aos estímulos automaticamente e apresenta comportamentos involuntários. Nessa concepção, há associação de um comportamento que se caracteriza como voluntário, com as consequências de tal comportamento, o que define o reforço a ser realizado.

Tais reforços dividem-se em reforço negativo e reforço positivo. O primeiro diz respeito a determinados comportamentos que colaboram para o nosso bem-estar e que tem uma tendência maior de serem repetidos; enquanto o segundo está relacionado aqueles comportamentos que nos prejudicam e que tem uma tendência maior a serem repelidos. Assim, os reforços podem aumentar determinados comportamentos (SKINNER, 1974).

² Método de investigação da mente humana que consiste em uma análise do pensamento realizada a partir do sujeito (NUNES, SILVEIRA, 2015).

Em sala de aula, o professor usa o reforço positivo ao elogiar a atividade de criança ou premiá-la por ter tido um bom comportamento. Logo, a criança saberá que ao realizar a atividade ou se comportar da maneira esperada, será recompensada. Já o reforço negativo, consiste na retirada de estímulos que possam atrapalhar o processo de aprendizagem.

Conforme exemplificado por Nunes e Silveira (2015), o professor percebe durante a aula que o material didático utilizado não está sendo interessante para os sujeitos, pois eles não conseguem compreendê-lo. Então, decide retirar o material didático e chega à conclusão de que eles passaram a se interessar mais pela aula, atingindo o comportamento esperado.

O professor precisa estar atento às crianças, para que o uso de algum material didático não se transforme em uma barreira para o aprendizado. Para isso, é necessário que se reflita o que elas pensarão a respeito dele e se conseguirão aprender ao utilizá-lo, antes de levar para a sala de aula.

1.1.2 Cognitivismo

Piaget (1982) realizava pesquisas com crianças, com a finalidade de descobrir como se originava o conhecimento. Em seus estudos, ele negava a formação da inteligência pela conexão entre estímulo e resposta, enfatizando que a criança possui uma estrutura na qual se organiza intelectualmente, atribuindo significados à sua realidade.

Desse modo, o processo de aprendizagem ocorre através da assimilação e da acomodação. A assimilação consiste na incorporação de conhecimentos do mundo externo, para que ocorra a acomodação dessas informações à estrutura cognitiva. Caso o sujeito tenha dificuldades em assimilar o que lhe foi apresentado, modificará as estruturas mentais para acomodar essas novos conhecimentos, adaptando-os e chegando ao equilíbrio (PIAGET, 1982).

Então, sempre que surgir uma nova informação, a criança se desequilibra e busca se equilibrar novamente, através da assimilação e da acomodação. Sendo assim, o professor precisa favorecer a desequilíbrio nas crianças, para que a aprendizagem ocorra como a superação de um desafio proposto e sejam assimilados novos conhecimentos, estabelecendo o equilíbrio novamente (OSTERMANN; CAVALCANTI, 2011).

Ausubel (2001) também acreditava que o sujeito possuía estruturas cognitivas e determinados conhecimentos nessas estruturas, que denominou de conhecimentos prévios. Ele criou a teoria da aprendizagem significativa, em oposição à aprendizagem mecânica, meramente repetitiva, em que o sujeito recebe passivamente os conteúdos já estabelecidos, sem relação com a sua realidade.

No processo de aprendizagem significativa, o sujeito se depara com novas informações, que se ancoram aos conhecimentos já existentes na sua estrutura cognitiva e que resultam na aprendizagem de novas informações ou conceitos. Assim, para que a aprendizagem ocorra, é necessário que haja uma relação dos novos conteúdos com os conhecimentos já construídos, a história e as vivências dos educandos. Seguindo essa perspectiva, há uma valorização dos conhecimentos prévios do sujeito, no processo de aprender (AUSUBEL, 2001).

Ou estudantes chegam em sala de aula com uma bagagem de conhecimentos e vivências, em determinado contexto. Sendo assim, o professor precisa considerar esse contexto em que se encontram no processo educativo, olhar para os educandos como sujeitos que possuem conhecimentos e partir do que as crianças já conhecem, se preocupando com o processo de construção de novos conhecimentos.

1.1.3 Humanismo

Com a pretensão de ir além das ideias da aprendizagem comportamental ou cognitivista, Rogers (2009) criou a psicologia humanista. Apresentando uma perspectiva centrada na pessoa, o sujeito é visto como o centro do processo de aprendizagem, no qual se valoriza sua integralidade.

Segundo Rogers (2009), o professor realiza o papel de “facilitador” da aprendizagem e precisa firmar um relacionamento de confiança com a criança, estabelecendo uma relação de empatia. A comunicação é algo primordial, pois esclarece as situações ocorridas em sala de aula e mostra que professor também é uma pessoa, que busca ser real com os sujeitos.

Quanto ao processo de aprendizagem, Rogers (2009, p. 332) afirma que “[...] a aprendizagem significativa é possível se o professor for capaz de aceitar o aluno tal como ele é e de compreender os sentimentos que ele manifesta”. Diante disso, entendemos que o professor precisa ter empatia, ser autêntico, estar atento aos sentimentos das crianças, organizar os recursos e criar um ambiente em que elas se sintam à vontade, livres para expressarem suas opiniões.

1.1.4 Teoria Sociocultural

Vygotsky (1991) valorizava as interações humanas, destacando que a aprendizagem ocorre mediante às experiências sociais e culturais dos sujeitos, ou seja, o sujeito aprende na relação com o mundo e com o outro. Ele traz o conceito das zonas de desenvolvimento, que nos ajudam a entender como ocorre o processo de aprendizagem.

Para o teórico, existem dois níveis de desenvolvimento: a zona de desenvolvimento real e a zona de desenvolvimento potencial. A primeira está relacionada a capacidade da criança em realizar algo sozinha, de forma autônoma; enquanto a segunda consiste nas aprendizagens, nos conhecimentos a serem alcançados pela criança (VYGOTSKY, 1991).

Além dessas duas zonas de desenvolvimento, Vygotsky (1991, p. 58) destaca a zona de desenvolvimento proximal, que está relacionada às “[...] funções que ainda não amadureceram, mas que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentemente em estado embrionário”.

Para que essas funções sejam amadurecidas, a criança precisará do auxílio de um adulto ou de outra criança que tenha mais conhecimentos que ela. Quando ocorrer a aprendizagem, acontecerá a passagem da zona de desenvolvimento potencial para a zona de desenvolvimento real, em que a criança chega à zona de desenvolvimento real e realiza algo com autonomia (VYGOTSKY, 1991).

Um ponto importante para refletirmos sobre o processo de aprendizagem seguindo essa teoria é compreendermos que antes de chegar na escola, a criança já possui determinados aprendizados, antes de entrar em contato com os conhecimentos científicos, ela já havia tido experiências relacionadas à eles (VYGOTSKY, 1991).

Além disso, o ensino deve ter como enfoque aquilo que precisa ser aprendido. Para que isso aconteça, são necessárias algumas estratégias no processo de intervenção, como fazer perguntas e realizar atividades em que o desenvolvimento do pensamento seja favorecido (NUNES; SILVEIRA, 2015).

Assim, o professor atua como mediador no processo de aprendizagem, realizando as intervenções necessárias. Além dele, acreditamos que as crianças que estão em um nível mais avançado de aprendizagem também podem auxiliar nesse processo, especialmente no momento das interações.

2. APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

2.1 Aprendizagem e o desenvolvimento infantil

Entendemos que o desenvolvimento infantil está relacionado aos avanços alcançados pela criança, sejam biológicos, cognitivos e sociais, de modo que contribuam para a sua formação integral. Pensando nisso, nos concentraremos em pesquisar sobre a aprendizagem escolar, buscando discutir sobre a relação da aprendizagem com desenvolvimento infantil, tomando como referência Piaget (1999) e Vygotsky (1991).

Piaget (1999) acreditava que o desenvolvimento da criança acontecia por meio de quatro estágios. Conforme a criança avança de um estágio para o outro, aparecem novas estruturas mentais, que são construídas continuamente, sempre em progresso. A seguir, falaremos sobre os estágios propostos pelo teórico, que se seguem um após o outro, sem pular as etapas.

O estágio sensório motor, de 0 a 2 anos, se caracteriza pelos reflexos, pelas primeiras emoções; o estágio pré-operatório, de 2 a 7 anos, se caracteriza pelo desenvolvimento da linguagem, das primeiras percepções e da inteligência intuitiva; o estágio das operações concretas, de 7 a 11 anos, se caracteriza como um período de maior socialização; e o estágio das operações formais, de 11 a 12 anos, está relacionado à formação da personalidade, marcando o início da adolescência (PIAGET, 1999).

O estágio pré-operatório, chamado por Piaget (1999) de “Primeira infância”, se inicia com o aparecimento da linguagem, propiciando a comunicação da criança com outros sujeitos. O autor afirma a predominância do pensamento egocêntrico, no qual a criança enxerga as coisas a partir do seu ponto de vista e não consegue se pôr no lugar do outro.

De acordo com Piaget (1999), a criança avança rapidamente nas atividades motoras, que ficam subordinadas ao desenvolvimento de uma explicação através das palavras, existindo uma “inteligência prática”. Ele considerava a predominância do pensamento intuitivo, que se constitui de forma egocêntrica e ocorre de acordo com as percepções da criança, sem seguir uma lógica ou razão.

As atividades a serem propostas para as crianças precisam ser pensadas partindo do interesse delas, sendo que este surge de uma determinada necessidade. Esse teórico percebeu que as crianças se interessam pelas palavras, por desenhos, por certas atividades físicas e etc., também costumam ter mais afinidade com aqueles sujeitos que atendem as suas necessidades e são mais afetuosas com elas (PIAGET, 1999).

Para Vygotsky, Luria e Leontiev (2010), antes de chegar à escola, a criança realiza aprendizagens no contexto em que está inserida. Ele chamava esse momento de aprendizagens da pré-escola, destacando que a criança se desenvolve e aprende mediante as experiências ocorridas nas dimensões sociais e culturais.

Tecendo críticas à teoria piagetiana, que considerava o desenvolvimento como proporcionador de aprendizagem, Vygotsky (1991) afirmava que é a aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento, ou seja, conforme a criança for aprendendo, aos poucos avançará em seus estágios de desenvolvimento.

Todavia, o processo de desenvolvimento e aprendizagem não coincidem. O desenvolvimento sempre ocorrerá mais lentamente do que a aprendizagem, esses processos nunca estarão no mesmo nível. Quando a criança assimila e aprende algo, seu desenvolvimento não se completará logo, o que se diferencia da teoria piagetiana (VYGOTSKY, 1991).

Segundo Vygotsky, Luria e Leontiev (2010), existe uma relação entre o processo de desenvolvimento e a capacidade potencial da aprendizagem. Para definir isso, é preciso considerar dois níveis de desenvolvimento na criança: o nível do desenvolvimento efetivo e a área de desenvolvimento potencial de aprendizagem.

O nível do desenvolvimento efetivo está relacionado às funções psicointelectuais decorrentes de um desenvolvimento concluído. Para estabelecer esse nível, é necessário realizar testes individuais, que medirão aproximadamente a idade mental de cada criança. Embora duas crianças apresentem a mesma idade mental, poderão apresentar idades mentais diferentes na área de desenvolvimento potencial (VYGOTSKY; LURIA; LEONTIEV, 2010).

Para descobrir a idade mental na área de desenvolvimento potencial dessas duas crianças, por exemplo, seria necessário realizar outros testes individuais, mas oferecendo auxílio às crianças. Com isso, seria possível medir o nível de desenvolvimento atual e as funções que ainda estão em amadurecimento em cada criança.

Essas questões trazidas pelo teórico nos levam a pensar que cada criança possui um nível de desenvolvimento e de aprendizagem, determinada pela zona de desenvolvimento potencial. Isso explica o motivo pelo qual as crianças se desenvolvem e apresentam processos de aprendizagem diferentes (VYGOTSKY; LURIA, LEONTIEV, 2010).

Sendo assim, o professor precisa estar atento às singularidades das crianças, visto que cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem. Em sala de aula, haverá crianças que aprenderão mais rápido e aquelas que precisarão de mais tempo para aprender. Diante disso, entendemos que a melhor solução é incentivar que as crianças que já aprenderam compartilhem seus conhecimentos com aquelas crianças que estão tendo dificuldades, para que o processo de aprendizagem seja facilitado.

2.2 Aprendizagem na educação infantil e as orientações da BNCC

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2017) define o conjunto de aprendizagens a serem desenvolvidas pelos sujeitos ao longo das etapas da educação básica. Este documento objetiva a equidade, para que todos os sujeitos, independentemente de sua localidade no país, possam aprender e desenvolver determinadas competências e habilidades.

A educação infantil é considerada a primeira etapa do ensino básico, marcando o início do processo educacional da criança. Recentemente, a educação infantil tem entrelaçado as concepções educar e cuidar, de forma que é importante tanto cuidar da criança, quanto ampliar aprendizagens e experiências (BNCC, 2017).

Na etapa da educação infantil, a BNCC (2017) tem por base outros documentos educacionais, como as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2010). Esse documento, por exemplo, já havia estabelecido as interações e a brincadeira como eixos norteadores da prática pedagógica.

Sendo assim, a base apenas retomou esses eixos, destacando as interações e a brincadeira como experiências em que as crianças aprendem e se desenvolvem. Durante as ações e interações das crianças com seus pares e adultos, ocorre a aprendizagem, definida como processo de construção e apropriação de conhecimentos.

Diante disso, o documento assegura seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças na educação infantil. O primeiro é o de conviver com outras crianças e com adultos, desenvolvendo o conhecimento de si e do outro, percebendo e respeitando as diferenças que existem entre os sujeitos.

O segundo direito é o de brincar, com outras crianças e com adultos, para que a criança possa ampliar e diversificar suas experiências sensoriais, corporais, emocionais, sociais, entre outras. Já o terceiro direito é o de participar, promovendo situações em a criança possa tomar decisões e se expressar tanto em sala de aula quanto na vida cotidiana.

O quarto direito é o de explorar movimentos e diversos materiais, de preferência escolhidos pelas crianças, com a intenção de ampliar conhecimentos relacionados à ciência, tecnologia e as artes. O quinto direito é o de expressar, para que a criança se perceba como sujeito que pensa, sente e age diante das situações; enquanto o sexto direito é o de conhecer-se, colaborando para a construção da identidade mediante as diversas experiências vividas durante as interações e brincadeiras no espaço escolar e fora dele.

O momento da roda de conversa se constitui como um precioso momento para assegurar os seis direitos de aprendizagem da criança. Para isso, o educador precisa mediar esse momento tendo em vista escutar as crianças e proporcionar as interações e a brincadeira, por serem meios de aprendizagem e desenvolvimento.

Além dos seis direitos de aprendizagem, a BNCC (2017) traz a proposta dos cinco campos de experiência, organizando a estrutura curricular da educação infantil e norteando o trabalho pedagógico dos docentes. O primeiro campo de experiência aborda sobre o eu, o outro

e o nós, é na interação social que a criança se descobre em seus modos de pensar e agir, entendendo que existem sujeitos com outros modos de vida e culturas.

O segundo campo aborda sobre o corpo, gestos e movimentos, é pelo corpo que as crianças exploram o mundo, expressam-se e produzem conhecimentos. Na educação infantil, é preciso proporcionar atividades em que as crianças possam utilizar as diferentes linguagens para se expressar, como o teatro, a dança e a música. Em continuidade, o terceiro campo aborda sobre traços, sons, cores e formas, valorizando a ampliação de experiências em que a criança tenha acesso a diferentes manifestações artísticas, culturais, entre outras, em contribuição para o desenvolvimento do senso estético e crítico.

O quarto campo aborda sobre escuta, fala, pensamento e imaginação, é preciso proporcionar experiências em que a criança tenha contato com a linguagem oral e escrita, o que pode ocorrer, por exemplo, nos momentos de contação de histórias. Já o quinto campo aborda sobre espaço, tempos, quantidades, relações e transformações, promovendo experiências em que a criança seja incentivada a observar, manipular objetos, levantar hipóteses e buscar respostas para suas indagações.

Além dos campos de experiência, há objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, classificados por faixa etária. No grupo da creche, estão os bebês de zero a um ano e seis meses e as crianças bem pequenas, de um ano e sete meses a três anos e onze meses. Já no grupo da pré-escola, estão as crianças pequenas, de quatro anos a cinco anos e onze meses.

A decisão em agrupar as crianças nesses três grupos, por faixa etária, ocorreu pelas possibilidades de vivência das aprendizagens e níveis de desenvolvimento das crianças, colaborando para um trabalho pedagógico que atenda as especificidades de cada faixa etária, sem rigidez.

É possível compreender que o documento tem base nas ideias de Piaget (1999), pois considera a faixa etária nos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento, valoriza a construção do conhecimento pelas crianças e busca a realização de uma prática pedagógica que atenda os interesses e as necessidades das crianças.

Percebemos que as ideias de Vygotsky (1991) também estão presentes no documento, pois valoriza-se as interações sociais, enxergando a criança como sujeito que atua, que age e se apropria do conhecimento, sem subordinação da aprendizagem ao processo de desenvolvimento. Seguindo o pensamento desse teórico, o trabalho pedagógico é visto como um processo de mediação, em que o professor auxilia o sujeito na busca pelo conhecimento.

Pensando nesse trabalho pedagógico do professor, a BNCC (2017) estabelece a necessidade da intencionalidade educativa, que consiste em organizar, planejar e propor

atividades que contribuam para a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças, mediando cada momento e refletindo sobre as práticas ocorridas. Assim, entendemos que o papel do professor envolvido com a educação das crianças está baseado em uma educação intencional, em ações planejadas e reflexivas.

3. O PROFESSOR DE EDUCAÇÃO INFANTIL E OS DESAFIOS DE ENSINAR

3.1 O que é ensino?

Quando pensamos em ensino, lembramos da atuação do professor em sala de aula. Estamos acostumados a pensar naquele professor que está explicando algum assunto ou passando conteúdo aos sujeitos, um processo em que há pouco ou nenhum espaço para o diálogo, e que pode não considerar os conhecimentos, vivências e experiências desses educandos.

Segundo Freire (1996), essa situação está relacionada a mera transmissão de conhecimentos, em que o professor detém e deposita os conteúdos, enquanto os educandos recebem passivamente. Ele explica que transmitir conhecimento e ensinar são opostos, pois o ensino envolve outras ações e práticas pedagógicas, que também consideram a atuação do sujeito no processo de aprendizagem.

Libâneo (1990) define o processo de ensino como um conjunto de atividades que envolve professor e estudantes, visando a apropriação ativa de conhecimentos e ampliação de habilidades por parte dos educandos. O autor destaca o ensino como processo social, no qual se estabelecem conteúdos, objetivos e métodos, que implicam questões sociais, políticas, pedagógicas; e que se realiza por meio de condições encontradas ou criadas pelo professor.

O trabalho pedagógico do professor pode colaborar para a aprendizagem dos alunos, porém, o processo de assimilação dos conhecimentos depende da atividade mental dos estudantes. Sendo assim, é preciso mobilizar as atividades físicas e mentais dos educandos em um processo de assimilação ativa, para que a aprendizagem ocorra de maneira efetiva (LIBÂNEO, 1990).

Diante dos estudos e teorias que pesquisamos, entendemos que o sujeito produz conhecimento e que a aprendizagem ocorre quando o educando se depara com informações que fazem sentido para ele, que são significativas. Também é preciso considerar que existe grande facilidade de acesso à informações, devido aos meios de comunicação, internet, mídia e tecnologias.

Sendo assim, a criança chega em sala de aula com uma bagagem de conhecimentos e de vivências, sendo possível já ter tido algum tipo de contato com os conteúdos que o professor

ensinará em sala de aula. Por isso, destacamos a importância do professor sondar o quanto os sujeitos já conhecem, para auxiliar na continuidade desse processo de aprendizagem.

O professor precisa estar atento aos educandos, buscando compreender a criança através da observação, da escuta atenta e fazendo registros, para que seja possível planejar um ensino que desperte interesse e promova aprendizagens efetivas. Dessa maneira, o professor se posiciona na condição de aprendiz, não sendo aquele que somente ensina e transmite o que sabe aos estudantes (DEHEINZELIN; MONTEIRO; CASTANHO, 2018).

Ensinar exige respeito aos saberes do estudante, se relaciona à alegria de viver, refletido no momento de ensinar. A vocação pela docência possibilita um trabalho pedagógico mais alegre, mais amoroso, em que o professor abandona a “postura fria e cinzenta” e se envolve no processo educativo (FREIRE, 1996).

Quando o docente possui essa postura afetuosa, no sentido de ser alegre, tratar bem os estudantes e respeitá-los, a sala de aula se torna um ambiente mais leve. Logo, os sujeitos estarão mais receptivos para aprender, poderão se sentir mais à vontade para participar, expor suas dúvidas e dialogar sobre os assuntos discutidos em sala de aula.

Para Gadotti (2003), ensinar requer:

- a) Gostar de aprender, ter prazer em ensinar, como um jardineiro que cuida com emoção do seu jardim, de sua roça;
- b) Amar o aprendiz (criança, adolescente, adulto, idoso). Só aprendemos quando aquilo que aprendemos é “significativo” (Piaget) para nós e nos envolvemos profundamente no que aprendemos.

Diante disso, percebemos que Freire (1996) e Gadotti (2003) destacam a importância da atuação docente no processo de aprendizagem. É necessário seguir a profissão com dedicação, buscando uma formação continuada, momentos de compartilhamento de experiências com outros docentes, envolvimento na luta por melhorias nas condições de trabalho e de salários, etc. Ser professor também é um desafio, por isso, é fundamental que o mesmo receba apoio pedagógico por parte da gestão escolar/ secretarias de educação.

3.2 Ensinar na educação infantil

A educação infantil não surgiu como uma proposta pedagógica, mas como uma maneira de acolher as crianças para que pudessem ser cuidadas. Enquanto as mães estivessem

trabalhando, as crianças eram levadas para as creches e pré-escolas. Durante muito tempo, a educação infantil era vista de maneira assistencialista e compensatória, principalmente quando se tratava de um atendimento às crianças mais pobres (MENDES, 2015).

Apenas na década de 90, a educação infantil passou a ser vista e reconhecida com um caráter pedagógico, como um ambiente educacional em que as crianças aprendem e adquirem novos conhecimentos. Nessa trajetória, percebemos uma mudança conceitual, pois o educar e cuidar se tornou fundamental na educação infantil (MENDES, 2015).

Assim, é preciso promover cuidados com a saúde, e ao mesmo tempo, proporcionar aprendizagens para as crianças. Por se tratarem de bebês, crianças bem pequenas e crianças pequenas, a ação educativa requer certos cuidados e atenção individualizada. Além de receberem esses cuidados, as crianças devem ter seus direitos de aprendizagem assegurados, visto que colaboram para o seu pleno desenvolvimento.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI, 2009) estabelecem que a proposta pedagógica das creches e pré-escolas deve garantir às crianças o acesso à conhecimentos e aprendizagens diversificadas, assegurando direitos como proteção, respeito, confiança, momentos de brincadeiras e interações com outras crianças. Além disso, o documento traz a visão de criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem.

Sendo assim, no processo de ensino precisamos considerar os conhecimentos e vivências das crianças, planejando atividades que possibilitem o uso da imaginação, momentos de brincadeira, interação e envolvimento ativo nas atividades. Para Sarmiento (2013), as crianças são extremamente capazes de aprender e se desenvolver. Para colaborar com isso, é necessário escutá-las, reconhecer seus conhecimentos prévios e considerar a realidade em que vivem.

Para Camargo (2009), muitas crianças chegam na escola com a expectativa de encontrar os amigos e brincar, sendo a ludicidade uma das necessidades da criança. A ludicidade está relacionada ao uso de brincadeiras e jogos, momentos de diversão e extravasamento de emoções. A autora destaca que esse recurso pode funcionar como facilitador de aprendizagem, pois a criança terá mais motivação para aprender, principalmente se a atividade estiver sendo pensada a partir de seus interesses.

Diante do que discutimos, atuar na educação infantil é acolher as crianças, cuidar, assegurar direitos, respeitar a diversidade em sala de aula, vivenciar momentos de escuta, promover a interação entre os pares, a assimilação e ampliação de aprendizagens, auxiliar os educandos no processo de conhecimento de si e reconhecimento do outro, colaborar para o processo de construção da autonomia, entre tantas outras questões.

CAPÍTULO II: DO QUE VIMOS E OUVIMOS

1. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE PODEM DIFICULTAR O PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Em primeiro lugar, discutiremos sobre práticas pedagógicas que podem ser tornar barreiras para o aprendizado, a partir do nosso referencial teórico e observações realizadas durante o Estágio I³. Em segundo lugar, partindo das observações feitas durante o referente estágio em uma turma de 2º período, analisaremos situações ocorridas no ambiente escolar, relacionadas à momentos de aprendizagem das crianças.

Prosseguindo com a análise de dados, discutiremos sobre o questionário elaborado por nós e aplicado com duas professoras de educação infantil, tendo em vista compreender seus conceitos sobre os processos de ensinar e aprender, o que tem adotado como metodologia para colaborar nesse processo, e etc.

1.1 Escolha do material didático

No capítulo anterior, destacamos uma situação exemplificada por Nunes e Silveira (2015). As autoras explicaram que durante a aula, o professor pode perceber que o uso de determinado material didático pode não ser compreensível para os estudantes. Ao retirá-lo, o docente percebe que os sujeitos voltam a se interessar pela aula.

Com base na teoria de Skinner (1974), essa retirada do material que poderia se tornar uma barreira no processo de aprendizagem está relacionada ao reforço negativo, ou seja, a retirada de estímulos que resultam em comportamentos que não são esperados. Feito isso, poderá haver a resposta que se espera.

³ No presente trabalho, relataremos situações vivenciadas no Estágio Supervisionado I, descritas no caderno de campo.

Durante o estágio, observamos uma situação bem parecida. A professora estava contando uma história para as crianças, mas poucas estavam prestando atenção. Ao perceber o que estava acontecendo, a docente decidiu parar, e trocou de livro. Diante da nova história, que tinha uma narrativa mais interessante e fantasiosa, as crianças começaram a prestar atenção. Ao final, aprenderam sobre o cuidado com os animais, que não podemos maltratá-los.

É fundamental que o docente, ao perceber que algo não está sendo atrativo para os estudantes, mude de estratégia. Se a professora continuasse contando a história anterior, as crianças não prestariam atenção e deixariam de aprender algo. Sendo assim, é necessário observar continuamente os estudantes, buscando compreender se estão conseguindo aprender por meio do material didático trabalhado.

É importante que a escolha desse material didático ou das histórias a serem contadas possam partir do ponto de vista das crianças. Santana (2018) destaca que a história escolhida deve estar de acordo com a faixa etária das crianças, atendendo aos seus interesses e cumprindo determinados objetivos estabelecidos.

O momento de contação de histórias pode propiciar aprendizagens diversificadas, de maneira lúdica. Enquanto escutam e interagem durante a história, as crianças estão se desenvolvendo, adquirindo gosto pela leitura, obtendo novos conhecimentos, despertando a sua imaginação e vivenciando muitas emoções.

1.2 Ensino transmissivo

Compreendemos que o ensino transmissivo é caracterizado pela valorização excessiva aos conteúdos, pois não se considera os saberes e o contexto dos estudantes. Em relação à esse ensino, Freire (1987) traz a concepção de “educação bancária”, como aquela em que o professor assume o papel de depositante de conteúdos enquanto os estudantes são os depositários.

Nessa compreensão de educação, os estudantes recebem passivamente os conteúdos, memorizando e repetindo até alcançarem o aprendizado. Freire (1987) tece críticas à esse ensino transmissivo, mecânico e repetitivo, que silencia, impede a assimilação de saberes e a transformação da realidade posta.

Entendemos que o processo de ensino não deve consistir em transmissão de conteúdo, mas precisa proporcionar maneiras de aprender e construir conhecimento por parte dos educandos. O docente precisa ter humildade ao ensinar as crianças, estando aberto à dialogar com os estudantes e promover momentos de escuta e respeito aos seus saberes (FREIRE, 1996).

Em sala de aula, percebemos que a professora tinha uma boa relação com as crianças, se referia a todas de maneira carinhosa. Em suas aulas, utilizava o diálogo para ensinar, de

forma a falar e escutar o que cada uma tinha a dizer. Freire (1987, p. 47) afirma que sem diálogo “não há verdadeira educação”, nesse processo educativo, professor e educando caminham juntos.

Durante as aulas, a professora abordava assuntos relacionados à realidade das crianças, que pudessem contribuir para a vida cotidiana. Todos os dias, pedia para que contassem quantas crianças havia na sala; utilizava o calendário, explicava sobre os dias da semana, as datas e em alguns momentos, destacava a letra inicial do mês; aproveitava cada assunto que surgia durante as aulas para propiciar aprendizagens.

Assim, percebemos que a professora não realiza um ensino transmissivo, não promove uma “educação bancária”. Na educação infantil, é importante que as crianças participem ativamente das atividades, possam brincar, interagir com os amigos, expressar emoções livremente, enfim, serem consideradas enquanto sujeitos no processo de aprendizagem, para que possam se desenvolver plenamente.

1.3 Desconsideração à leitura de mundo do estudante

O desrespeito à “leitura de mundo” dos sujeitos no processo educativo pode se estabelecer como um obstáculo para a aprendizagem. O estudante chega em sala de aula com sua cultura, costumes e linguagem, não ter suas particularidades compreendidas pode se estabelecer como um obstáculo para a aprendizagem de novos conhecimentos (FREIRE, 1996).

O ensino que toma como ponto de partida a leitura de mundo dos educandos gera aprendizagens mais significativas, permitindo novos conhecimentos que vão além dessa leitura. É preciso considerar o contexto em que a escola está inserida, a comunidade escolar e as diferentes culturas presentes em sala de aula (FREIRE, 1996).

No trabalho pedagógico realizado pela professora, observamos a preocupação em ensinar sobre o respeito às diferenças, a serem empáticas, a ouvir umas às outras. Candau (2011) defende a educação intercultural, que reconhece a diferença, valoriza os sujeitos sócio históricos e potencializa aprendizagens significativas por promover esse reconhecimento e valorização aos educandos, além de favorecer a construção da identidade cultural dos sujeitos.

Entendemos que a BNCC (2017) estabelece os direitos de aprendizagens dos estudantes, mas não contempla as especificidades de cada sujeito, de cada localidade do país. Sendo assim, é importante que o trabalho pedagógico a ser desenvolvido pelo professor, gestão escolar e secretarias de educação de cada local tenham essa sensibilidade.

A professora que acompanhamos respeitava os saberes dos educandos, buscava promover reflexões sobre o respeito ao próximo e em relação às diferenças encontradas na

convivência com outros sujeitos. Assim, havia o estabelecimento de uma relação de respeito e empatia com estudantes, e a colaboração para que as crianças se relacionassem de maneira respeitosa e empática.

2. UM OLHAR SOBRE A APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL DIANTE DAS OBSERVAÇÕES REALIZADAS EM UM CMEI

2.1 Breve caracterização da escola

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 em seu Art. 29, compreendemos que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Sendo assim, as creches e pré-escolas são espaços organizados para que as crianças possam aprender e se desenvolver integralmente, por meio da interação com outras crianças e demais pessoas que atuam nesses espaços, colaborando para o processo educativo. Realizamos a pesquisa em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), localizado na zona leste de Manaus.

Até o momento da pesquisa, constatamos que o CMEI atendia aproximadamente 480 crianças de 4 e 5 anos, possuindo 10 turmas de 1º período e 10 turmas de 2º período, distribuídas nos turnos matutino e vespertino. A escola recebia crianças em situação sócio econômica de baixa renda, moradoras do bairro e arredores, que passam por dificuldades sociais diversas e que são refletidas dentro da escola.

Em nossas visitas, percebemos o zelo da gestão escolar em cuidar do ambiente, além da organização de salas para que as crianças tenham oportunidade de participar de diferentes atividades. Segundo Freire (1996), a escola precisa estar limpa, organizada, adornada, para que se estabeleça uma “pedagogicidade” no espaço escolar, ou seja, o ambiente também precisa colaborar para o desenvolvimento do trabalho docente.

A primeira impressão que tivemos foi a de uma escola de educação infantil bem organizada. Percebemos o entusiasmo da pedagoga ao nos apresentar a escola, a vontade de tornar o ambiente mais alegre e receptivo, o trabalho em conjunto com os familiares e responsáveis pelas crianças, e o cuidado da gestão escolar em propor atividades diversificadas a serem realizadas em salas específicas mediante a disposição de recursos, que explicaremos a seguir.

A escola possui quatro salas de aula no andar de baixo e seis salas de aula no andar de cima; sala da ludoteca e Mesa do Mundo das Descobertas (MMDD), com computadores para as crianças utilizarem, livros, fantoches e brinquedos diversificados; sala do Programa de Ensino Sistematizado de Ciências (PESC), com a lousa interativa e recursos para o ensino de ciências; sala dos professores; secretaria; diretoria; banheiros; cozinha; despensa; refeitório; pátio coberto; horta cultivada pelas crianças e um pequeno parque infantil.

2.2 Um olhar sobre as práticas pedagógicas ocorridas em sala de aula

Realizamos a pesquisa no turno matutino, de 7h às 11h, nas terças e quintas-feiras, no período de 26 de março à 16 de maio de 2019. Acompanhamos a turma do 2º período “C”, com dezoito crianças matriculadas. A professora estabeleceu uma rotina a ser realizada todos os dias. Em roda de conversa, a professora iniciava a aula com uma oração, perguntava quantas crianças havia na sala, se estava faltando alguém, e qual era o dia da semana em que estávamos.

Em seguida, cantava algumas canções e fazia a chamadinha, para que cada criança se sentasse no seu lugar. Estabelecer rotinas na educação infantil é fundamental, para que a criança possa desenvolver a autonomia e tenha controle do que será realizado. Assim, ficarão menos ansiosas e mais tranquilas para a atividade que virá (BILÓRIA, METZNER, 2013).

Além da rotina diária, em cada dia da semana, as crianças utilizavam um espaço diferente da escola. Na segunda feira brincavam no parquinho, na terça utilizavam os computadores na sala da MMDD (Mesa do Mundo das Descobertas), na quarta tinha educação física, na quinta frequentavam a sala do PESC (Programa de Ensino Sistematizado de Ciências) e na sexta era o dia do brinquedo.

Em alguns momentos, acompanhamos as atividades na sala do PESC. A professora utilizava um equipamento semelhante à um *Datashow*, um notebook e um *mouse* para jogar. Em acordo, a turma escolhia os jogos. O primeiro jogo escolhido foi sobre as frutas, no qual a professora explicou sobre a importância de uma alimentação saudável. Nos outros jogos, as crianças precisavam identificar os sons, dando sentido a eles; colorir imagens, preenchendo-as com o uso do mouse; montar quebra-cabeças e descobrir os sete erros.

Segundo Libâneo (1990), a aprendizagem pode ocorrer de maneira casual e de maneira organizada. A primeira ocorre de maneira espontânea, na interação entre os sujeitos, mediante observações, conversas e etc. Já a segunda pode ocorrer em diversos lugares, está mais associada à aprendizagem escolar e visa a apropriação de conhecimentos e habilidades, mediante a organização intencional do processo de ensino.

Na situação que descrevemos, ocorreram aprendizagens organizadas devido à maneira como a professora estava conduzindo o processo. Mas isso não impediu de também ocorrerem aprendizagens casuais, pois durante a aula, surgiram outros assuntos e novas aprendizagens a serem realizadas. Além disso, as crianças dialogaram entre si, principalmente nos momentos abertos para a conversa, podendo aprender juntas.

Certo dia, a professora levou a turma para a sala da Mesa do Mundo das Descobertas (MMDD). Ela organizou as crianças em grupos de aproximadamente cinco integrantes, para utilizarem o mesmo computador. Enquanto uma criança jogava, as outras aguardavam a sua vez. Acompanhamos um desses grupos, perguntando qual jogo pedagógico gostariam de escolher.

As crianças escolheram um jogo para identificar as formas e as cores. Elas discutiam entre si sobre o nome da forma correspondente e conversavam sobre o nome da cor correspondente à essas figuras ou formas geométricas. Segundo Vygotsky (1991), a interação entre pares auxilia no processo de aprendizagem, pois os sujeitos compartilham saberes uns com os outros, o que uma criança não sabe, pode aprender com a outra.

Na educação infantil, é preciso realizar atividades que envolvam a interação, a brincadeira, a música e o movimento, pensando nas aprendizagens que podem ser realizadas por meio delas. Em aula que observamos, a professora utilizou a música “A malhação do rei leão”, dançando e coreografando os passos com as crianças. Durante a atividade, percebemos que as crianças se divertiam bastante, pois desejavam se movimentar, correr e brincar.

Clara e Finck (2015) destacam a importância de propor atividades que envolvam jogos, brincadeiras e o corpo da criança em movimento. As autoras perceberam que muitas professoras de educação infantil reconheciam a importância da criança se movimentar na teoria, mas na prática, não havia apresentação de atividades em que as crianças pudessem se movimentar. Em sala de aula, é preciso mediar esses momentos, auxiliando a criança na percepção do seu próprio corpo, do seu esquema corporal.

Ao desenvolver um bom esquema corporal, a criança se sente bem, consegue dominar seus movimentos e aprende conceitos relacionados ao espaço em que vive, como: em cima/ embaixo, esquerda/ direita. O aprendizado desses conceitos é importante para que a criança não tenha dificuldades quando estiver em fase de alfabetização, além de se constituir como uma atividade lúdica, que as crianças gostam de participar. (OLIVEIRA, 2007).

A cada atividade que o professor realiza na educação infantil, a criança aprende, se desenvolve, desde um momento de roda de conversa ou dança, até uma atividade de pintura com lápis de cor. Para algumas pessoas leigas, aparentemente são simples atividades de

entretenimento, mas para nós, que estudamos e temos contato com as teorias, compreendemos o caráter pedagógico dessas ações.

3. CONHECENDO OS CONCEITOS DOS PROFESSORES SOBRE O PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Buscando atingir o terceiro objetivo de nossa pesquisa, elaboramos um questionário estruturado, com perguntas abertas a serem respondidas livremente. Entramos em contato via *Whatsapp* com algumas professoras da educação infantil, perguntando a disponibilidade para participar da presente pesquisa. Assim que as mesmas aceitaram, enviamos o questionário pelo mesmo aplicativo de mensagens.

Duas professoras devolveram o questionário respondido, as denominaremos de Professora Maria e Professora Juliana⁴. A primeira professora dá aulas na educação infantil, enquanto a segunda professora leciona atualmente em uma turma de 1º ano, mas tem experiência na educação infantil. Para compreender a concepção delas sobre o processo de ensino, estabelecemos como a primeira pergunta: **Para você, o que é ensino?**

Ensino é transmitir conhecimentos de informações, um tipo de caráter geral. Enfim, ensino é uma espécie de instrução de saberes (Professora Maria).

É transmitir conhecimento por meio da informação, onde o(a) aluno(a) adquire conhecimentos sobre determinadas matérias (Professora Juliana).

Observamos que ambas acreditam que ensinar está relacionado à transferência de informações, apresentam aquela concepção de ensino em que o professor é aquele que instrui, enquanto o estudante adquire os conhecimentos. Segundo Freire (1996, p. 21), “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Ao ensinar, também precisamos considerar o estudante como sujeito de conhecimento, pensando na abertura às discussões, reconhecimento dos conhecimentos e da realidade dos estudantes no processo educativo. Prosseguindo com o questionário, estabelecemos como segunda pergunta: **Como ocorre o processo de aprendizagem?**

⁴ Nomes fictícios.

O processo de aprendizagem se dá a partir da aquisição de conhecimentos, habilidades, valores e ações por meio do estudo do ensino ou da experiência (Professora Maria).

Ocorre com obtenção do conhecimento, a construção do conhecimento em sala de aula ocorre de forma gradativa, adequando-se a cada estágio do desenvolvimento da criança (Professora Juliana).

A concepção de aprendizagem da professora Juliana nos chamou a atenção, pois destaca a aprendizagem como um processo contínuo de construção do conhecimento. Acreditamos que a educadora inconscientemente apresentou uma concepção de ensino transmissivo, mas demonstra a crença em uma concepção de aprendizagem piagetiana, pois relacionou a obtenção de conhecimentos a serem construídos com os estágios de desenvolvimento da criança.

Aproveitando as discussões sobre ensino e aprendizagem, estabelecemos como terceira pergunta: **Qual a relação entre o processo de ensino e aprendizagem, na educação infantil?**

O ensino pode ser definido como um ato de expor um assunto à uma clientela escolar, já a aprendizagem é feita no sentido de adquirir conhecimentos (Professora Maria).

Acontece quando há interações da criança com o novo ambiente, das experiências trocadas com as pessoas ao seu redor, da observação e do estudo (Professora Juliana).

Ao explicar a relação entre as duas concepções, observamos que a primeira professora demonstra uma concepção de “educação bancária”, pois define o processo de ensino como transferência e de aprendizagem como recepção. A segunda professora destaca que o processo de ensino e aprendizagem ocorre mediante às interações com o mundo. Essa ideia está presente nos estudos de Vygotsky (1991), que afirma que os sujeitos aprendem mediante as experiências sociais e culturais, nas interações com os outros.

Buscando compreender sobre a aprendizagem na educação infantil, estabelecemos como quarta pergunta: **Como as crianças aprendem, na educação infantil?**

As crianças aprendem por meio de desafios em um ambiente atrativo e organizado. A criança ao ser desafiada adquire novas formas de pensar provocando a imaginação o desenvolvimento e a construção do conhecimento... (Professora Maria).

As crianças começam a aprender com apreciação de diversas atividades que envolvem o psicológico, motor e social (Professora Juliana).

A professora Maria considera a importância da organização e da atratividade do ambiente, para que a criança aprenda melhor. Além disso, destaca a importância de propor desafios, colaborando para o desenvolvimento e aprendizagem da criança. Na escola de educação infantil, o ambiente escolar precisa ser acolhedor e alegre. As crianças precisam se sentir bem, para que também estejam dispostas a participar das atividades a serem realizadas pelo professor.

Para a professora Juliana, é preciso propor várias atividades, que colaborem para o desenvolvimento das crianças nas dimensões psicológicas, motoras e sociais. O trabalho pedagógico do professor da educação infantil é essencial, por possuir esse papel de trazer propostas de atividades que podem colaborar para o desenvolvimento pleno da criança. Para finalizar, estabelecemos como quinta pergunta: **Quais metodologias você utiliza, para que as crianças possam aprender?**

Eu utilizo em sala de aula vários tipos de metodologias, pois toda criança tem uma maneira de aprender, e a melhor maneira de aprender é através do aprendizado ativo (Professora Maria).

O método Montessori, pois trabalha a autonomia dos alunos no processo de aprendizado. Trabalhei apenas 6 meses na educação infantil e tentei aplicar esse método, por entender que esse seria o mais viável para aquela ocasião (Professora Juliana).

Observamos que a fala da professora Maria apresenta certa contradição. Ela demonstra o pensamento sobre o processo de ensino e aprendizagem que é transmissivo, todavia, indica que a melhor maneira de aprender é pelo método ativo. A metodologia de aprendizagem ativa posiciona o sujeito como protagonista do processo de aprendizagem, enquanto o professor

realiza a mediação de conhecimentos, para o desenvolvimento de suas potencialidades (FREITAS, 2019).

A professora Juliana destacou uma das metodologias utilizadas em sala de aula, por acreditar ser a mais adequada a trabalhar com a turma. O método Montessori colabora para o desenvolvimento da autonomia das crianças, pois propõe que a criança manipule e explore os materiais dispostos, além de trabalhar com o sensorial e desenvolvimento de relações interpessoais (CRUZ; DELLA CRUZ, 2019).

Apesar de apresentar ideias relacionadas à aprendizagem ativa e ter trabalhado anteriormente com o método Montessori, que se opõe ao ensino transmissivo, a professora Juliana definiu o processo de ensino como transferência de informações. Diante das respostas dadas pelas educadoras, nos inquietou o fato de ambas apresentarem a mesma concepção de ensino.

Os professores possuem crenças influenciadas pela sua história, experiências, interações e também podem ser inconscientes, contraditórias. Essas crenças são construídas, podendo ser reconstruídas também, mediante as situações que o professor vivencia. A partir disso, ele reflete e decide as ações que não fará, e aquelas que irá promover (MENEZES; SILVA, 2018).

A crença das professoras sobre a concepção de ensino de caráter transmissivo pode estar relacionada às experiências que tiveram, possíveis docentes que inspiraram as ações pedagógicas, formação inicial, ou ainda, podem estar presentes no subconsciente das educadoras, pois ao perguntarmos sobre o processo de aprendizagem, há certa defesa para o método ativo (MENEZES; SILVA, 2018).

Em relação à aprendizagem, ambas reconhecem a importância de promover atividades que considerem a metodologia ativa. Assim como no processo de ensino, relacionamos as concepções das professoras sobre a aprendizagem às crenças construídas, por meio de leituras, experiências e vivências. Pelas respostas, compreendemos a possibilidade de haver dificuldades em relacionar o ensino e a aprendizagem, como faces do mesmo processo.

Acreditamos que muitas crenças sobre a docência podem ser construídas e reconstruídas ainda na formação inicial. Sendo assim, durante a graduação, é fundamental que possamos ter experiências, vivências e realizar leituras que nos levem à reflexão, ao pensamento sobre o processo de ensino e aprendizagem, na teoria e na prática. Dessa maneira, poderemos construir determinados saberes, colaborando para um processo de ensino e aprendizagem mais efetivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, buscamos compreender sobre os processos de ensinar e aprender com crianças de cinco anos, na educação infantil. Por meio da pesquisa bibliográfica e de campo, compreendemos que o ensino e a aprendizagem estão estreitamente relacionados, sendo o ensino um processo organizado principalmente pelo professor, que atua como mediador, e a aprendizagem um processo de construção, a ser realizada pelos sujeitos.

Além disso, verificamos que as crianças também aprendem durante as brincadeiras e as interações, no contato com outros sujeitos e com o mundo. Durante o estudo, entendemos que a educação infantil é uma etapa que pode contribuir para a aprendizagem e o desenvolvimento da criança. Além do cuidar, também se relaciona ao educar, ou seja, existe preocupação nesse nível de ensino em proporcionar aprendizagens diversificadas para as crianças, preparando-as para a vida.

Em relação à prática pedagógica da professora, percebemos o empenho em educar as crianças, promovendo o respeito e a empatia, sempre carinhosa com todas. Pelas atividades que desenvolvia, observamos a preocupação em promover a inclusão, incentivando a participação nas atividades, além de aproveitar cada momento para propiciar aprendizagens, especificamente relacionadas à realidade das crianças. Dessa maneira, observamos momentos valiosos de aprendizagem das crianças.

Através das observações, dados presentes no caderno de campo e teóricos estudados, também conseguimos identificar três práticas de ensino que podem se tornar obstáculos para o processo de aprendizagem dos sujeitos: a escolha do material didático, o ensino transmissivo e a desconsideração à leitura de mundo do estudante. Em relação às concepções de ensino e aprendizagem de professores da educação infantil, o questionário permitiu que conhecêssemos o pensamento de duas professoras da educação infantil, a respeito dessas temáticas.

Pelas respostas recebidas, percebemos a existência de certas contradições, o que nos leva a refletir que existem crenças que podem ter sido construídas pelas professoras ao longo de sua formação, experiências, práticas vivenciadas e leituras realizadas. Assim, também passamos a refletir sobre a nossa própria formação, nas crenças que construímos e reconstruímos. Consideramos a formação inicial um momento importante, pois muitas crenças podem ser construídas e reconstruídas, passando a ser refletidas no momento de docência.

REFERÊNCIAS

AUSUBEL, David Paul. **Aquisição e retenção de conhecimentos:** uma perspectiva cognitiva. Tradução de Lígia Teopisto. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2001.

BILÓRIA, Jéssica Ferreira; METZNER, Andréia Cristina. **A importância da rotina na Educação Infantil.** Fafibe On-Line, Bebedouro, v. 6, n. 6, p. 1-7, 2013. Disponível em: <https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/28/11122013185355.pdf> Acesso em: 27 de jun. de 2021.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular.** Educação é a base. Brasília, MEC/ CONSED/ UNDIME, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 03 de abr. de 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Lei n. 9.394/96.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. **Cotidiano escolar e práticas interculturais.** Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, pp. 240-255, Jul/ Dez 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cp/a/GKr96xZ95tpC6shxGzhRDrG/?lang=pt#> Acesso em: 12 de jul. de 2021.

CAMARGO, Natalia. **Nas trilhas da história:** caracterizando a Educação Infantil. UNIESP: Sertãozinho, 2009. Disponível em: <http://uniesp.edu.br/sites/biblioteca/revistas/20170627110933.pdf> Acesso em: 22 de jan. de 2020.

CLARA, Aparecida Woytichoski Santa; FINCK, Silvia Christina Madrid. **Educação infantil:** um olhar sobre as práticas pedagógicas do corpo em movimento. EDUCERE - XII Congresso Nacional de Educação. Paraná: Editora Educere, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/18412_10099.pdf Acesso em 21 de maio de 2021.

DEHEINZELIN, M; MONTEIRO, P.; CASTANHO. F. C. **Aprender com a criança:** experiência e conhecimento/ Livro do professor da Educação Infantil: Creche e Pré-Escola: 0 a 5 anos e 11 meses. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia do oprimido.** 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo Reglus Neves. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Eloá Fernanda de. **Aprendizagem ativa na educação infantil:** transformando a sala de aula em um espaço de criatividade. São Leopoldo: UNISINOS, 2019. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/8741> Acesso em: 16 de jul. de 2021.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho**: ensinar-e-aprender com sentido. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1990.

MENDES, Sarah de Lima. **Tecendo a história das Instituições de Educação Infantil**. Revista Saberes, Natal, v. 1, n. 11, p. 94-100, fev. 2015.

MENEZES, Stella Ferreira; SILVA, Márcia Aparecida. **Crenças de professores em formação sobre o que é aprender ensinar e se tornar professor de língua estrangeira**. Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais. v. 7, n. 1. 2018. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/sapiencia/article/view/7663/5351> Acesso em: 17 de jul. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de (Org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 21 ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

NUNES, Ana Ignez Belém Lima; SILVEIRA, Rosemary Nascimento. **Psicologia da aprendizagem**. 3. ed. rev. Fortaleza: EDUECE, 2015.

OLIVEIRA, Gislene de Campos. **Psicomotricidade**: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

OSTERMANN, Fernanda; CAVALCANTI, Cláudio José de Holanda. **Teorias de Aprendizagem**. Porto Alegre: Evangraf-UFRGS, 2011.

PIAGET, Jean William Fritz. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

PIAGET, Jean William Fritz. **Seis estudos de psicologia**. 24 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

ROGERS, Carl Ransom. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

SANTANA, Keila Cristina Alves. **A importância da contação de histórias na educação infantil**. Goiás: FANAP, 2018.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Infância contemporânea e educação infantil**: uma perspectiva a partir dos direitos da criança. Campo Grande: Editora Oeste, 2013. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/36769#> Acesso em: 20 de maio de 2021.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo**. São Paulo: Cultrix, 1974.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 4. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch; LURIA, Alexander Romanovich; LEONTIEV, Alex N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 11 ed. São Paulo: Editora Ícone, 2010.

WATSON, John Broadus. **Clássico traduzido**: a psicologia como o behaviorista a vê. Tradução por Flávio Karpinski Gerab et. al. Temas em psicologia. Ribeirão Preto, v. 16, n. 2, p. 289-301, 2008. Disponível em:
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2008000200011
Acesso em: 04 abr. de 2020.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO APLICADO COM AS PROFESSORAS

Universidade do Estado do Amazonas

Escola Normal Superior

Pesquisa sobre os processos de ensinar e aprender na educação infantil

O presente questionário faz parte de uma pesquisa científica sobre os processos de ensino e aprendizagem na educação infantil, visando compreender os conceitos que os professores e professoras de educação infantil possuem sobre esses procedimentos. Apresentaremos um questionário aberto, você poderá responder as perguntas de acordo com suas concepções e experiências. Não iremos expor sua identidade, agradecemos a sua participação e colaboração para a nossa pesquisa.

Nome:

Formação:

Profissão:

Turma em que você leciona:

- 1. Para você, o que é ensino?**
- 2. Como ocorre o processo de aprendizagem?**
- 3. Qual a relação entre o processo de ensino e aprendizagem, na educação infantil?**
- 4. Como as crianças aprendem, na educação infantil?**
- 5. Quais metodologias você utiliza, para que as crianças possam aprender?**